



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/terrenos-incultos/>

Terrenos incultos e jardins emergentes: a vida das plantas em interstícios urbanos

Arthur Simões Caetano Cabral[1]

RESUMO: Este texto investiga feições e dinâmicas associadas aos modos de ser de plantas denominadas ruderais em espaços urbanos residuais. Em ciclos breves e disseminação ligeira, são pioneiras em ambientes inóspitos e os transformam em meios abertos ao estar e ao fazer de seres diversos. Seus deslocamentos se diluem no fluxo quase imperceptível de pólen, sementes e esporos; seu enraizamento se beneficia da ação das águas, do vento, da luz e da terra. Operando misturas e conferindo formas a substâncias elementares, rearranjam a realidade a ponto de transmutá-la em lugares onde se pode viver. Sob designações frequentemente depreciativas e tentativas de apagamento ou controle, a flora ruderal insiste em apresentar qualidades a serem aferidas e apreciadas, associadas aos valores de persistência, renovação e vigor pelos quais tramam táticas de sobrevivência. A diversidade de conjuntos que configuram em consórcio com outras plantas e outros seres, humanos e não humanos, vem à tona em espaços indesejados das cidades, faixas de servidão, refugos fundiários. A partir de estudos realizados ao longo de acostamentos da cidade de Goiás (GO), em áreas de expansão urbana, discute-se o repente do vegetal em brotações incontidas, fundos de quintais e jardins emergentes.

PALAVRAS-CHAVE: Flora ruderal. Espaços residuais. Percepção direta e imaginário.

Wasted lands and emerging gardens: the life of plants in urban interstices

ABSTRACT: This text investigates features and dynamics associated with the modes of being of plants called ruderals in residual urban spaces. In brief cycles and rapid dissemination, they are pioneers in inhospitable environments and transform them into means open to the presence and action of diverse beings. Their displacements are diluted in the almost imperceptible flow of pollen,



seeds and spores; its rooting benefits from the action of waters, wind, light and earth. Operating mixtures and giving forms to elementary substances, they rearrange reality to the point of transforming it into places where one can live. Under frequently derogatory designations and attempts at erasure or control, the ruderal flora insists on presenting qualities to be measured and appreciated, associated with the values of persistence, renewal and vigor for which they launch survival tactics. The diversity of sets that form a consortium with other plants and other beings, humans and non-humans, comes to the fore in unintended spaces in cities, servitude strips, land refuse. Based on studies carried out along the shoulders of the city of Goiás (GO), in areas of urban expansion, we discuss the suddenness of plants in uncontrolled germination, backyards and emerging gardens.

KEYWORDS: Ruderal flora. Residual spaces. Direct perception and imaginary.

[...] se é comuníssimo sonhar com uma raiz que vai levar seu ato colorante à flor resplandecente, é possível, entretanto, encontrar belas e raras imagens que conferem uma espécie de força enraizante à flor contemplada. Florescer bem é então uma maneira segura de enraizar-se.
(Bachelard, 2003, p. 224)

As plantas ocupam um lugar ambivalente nas cidades contemporâneas. Via de regra, não se tolera o vegetal senão sob formas amansadas, enquadradas por ações de ordenamento e manutenção de espaços livres urbanos ou a demandas objetivas de arborização viária e do planejamento de parques e áreas verdes públicas. À parte dessas situações, em que é chamado a comparecer controladamente, o vegetal representa uma presença indesejada ao longo da história das cidades, um outro a ser combatido ou mantido do lado de fora, em silêncio. Os significados de sua alteridade, entretanto, sobrevivem em latência. Em meio às cidades, qualquer nesga de terra exposta ou terreno baldio basta ao porvir enraizante do vegetal.



A relação estabelecida entre plantas e pessoas, no meio urbano, encontra-se hegemonicamente embotada por certo desinteresse ou má vontade de uma das partes envolvidas, que parece ainda desconhecer, ou conhecer mal, os elos inextricáveis que estabelece com a outra. Aos seus olhos, qualquer planta que nasça, sem que se plante, seria entendida como mato ou sarça, um intruso, a cada broto fortuito, a denotar uma marca de desleixo ou descuido a ser evitada, carpida, expurgada. Referimo-nos, especialmente, aos modos pelos quais costuma orientar-se a gestão de espaços livres públicos, onde as práticas de manejo se limitam, em geral, a roçagens e podas periódicas, frequentemente alienadas da vida das plantas e dos consórcios, sempre novos, que sua existência nos propõe.

Em resposta, a outra parte dedica ramos em “verde novo, em folha, em graça, em vida, em força, em luz”, se recorrermos aos versos de Caetano Veloso (1985), voltando a ramificar depois de podas. As plantas bebem da terra pelas raízes e acenam à luz do sol. Nos avessos das cidades, escavam berços para o rebentar de sementes e esporos anônimos, viajantes fecundados ao sabor do vento, das chuvas e da mobilidade dos animais, gérmenes da errância contínua das plantas. Invisível à desatenção cotidiana, a vida do vegetal se dissimula entre ruídos urbanos. Trata-se de plantas que, em geral, “são pouco apreciadas, não por não serem consideradas belas, mas porque elas sempre estão onde não se espera” (Clément, 2017, p. 103). Sob essa perspectiva, os imaginários hegemônicos deixam lacunas à emergência de outras imagens, nutridas pelos valores de persistência, vigor e inventividade dos seres vegetais.

Esses seres, que respondem efusivamente quando os cultivamos, são os mesmos que se dispõem a ocupar espaços de abandono, inóspitos, incultos, inaugurando povoados no que se fincam no chão e hasteiam bandeiras em caule, respondendo à Terra com flores. Forjando lares provisórios em condições ambientais as menos favoráveis, essas plantas se imiscuem clandestinamente no meio urbano. Entre o lar e o jardim, este lugar intermediário reivindicado pelas plantas diz respeito a situações de cultivo e de um fazer partilhado, a serem vivenciadas a cada dia, em contato direto com as manifestações de sua alteridade. Cumpriria dilatar aos jardins a questão central de habitar – que nos faz íntimos das casas e que aquece a dimensão do lar – e caberia investigá-los em vista do “instante que impulsiona as pessoas a se envolverem com as plantas”, nos termos de Natasha Myers (2017, p. 2), que defende, “primeiramente, [a necessidade de] verificar que relações esses



jardins põem em movimento”, tendo em vista “que *ainda não sabemos o que é próprio de uma planta*” (grifo da autora).

Para além dos argumentos pautados em demandas objetivas e estatísticas das cidades, e sem ignorar as contribuições deles advindas à defesa histórica das áreas verdes públicas, há relações entre plantas e pessoas que põem em jogo o contato das mãos e pressupõem a participação dos corpos. Indiferente às nossas linguagens, imune a representações unívocas, o vegetal se nos faz cúmplice em suas táticas à medida que aposta na vida por simples desejo, enredando-se em hábitos no que habitam em nudez, corpo-a-corpo. Os jardins parecem inacessíveis ao olhar trivial até que o contato das mãos subverta esse olhar a ponto de torná-lo inoperante.

As relações entre plantas e pessoas que se colocam em movimento nos jardins demandariam, assim, instantes de imersão corpórea, em que contemplação e manuseio se confundiriam num modo de ser e de fazer em comum. Olhos, mãos, raízes e ramos teriam seus limites entrelaçados e estariam igualmente engajados em descobrir as feições e os gestos dos seres à sua volta, em experimentar seus sabores e ensaiar seus próprios atos em concerto com os outros. Com timbres distintos, suas vozes se afinam em dissonância: não há partitura ou regente, nem se pretende a inteireza de uma peça, senão a interpretação partilhada de uma obra inconclusa. As manifestações sensíveis da vida das plantas e suas transformações contínuas preparam lições e nos convidam a pensar pelo corpo, se habitar, com elas, “um atelier onde o pensamento se constrói [...] nesses espaços de registro e de (re)composição do real” (Besse, 2018, p. 106).

Nos meios de relação que o vegetal articula, para além da identificação de objetos a serem extraídos, enformados ou tolhidos, cumpre reconhecer, fundamentalmente, as formulações conjuntas e transformações pelas quais a vida se processa. Analogamente, o jardim põe em jogo os sentidos da existência e do fazer partilhados entre seres humanos e não humanos, trazendo à consciência a expressão de mundos em porvir. Sob essa perspectiva, sua fruição seria cúmplice, a um só tempo, de devaneios desejantes que sua materialidade faz despertar, à medida que nos convida a participar de uma relação de cultivo mútuo entre seres distintos, e da atitude igualmente primitiva de repouso sobre a Terra, por meio das imagens que se nos enraízam pelos sonhos, quando expressamos “pela nossa própria conduta que nossa subjetividade se retira sobre este terreno firme, nele pousa, ou melhor, nele repousa [...]. Existir é, para nós, partir dali, daquilo que está mais profundo do que a nossa consciência” (Dardel, 1990, p. 56). Por vias imaginárias e sensíveis,



as plantas nos propõem, a um só tempo, movimentos de extroversão e recolhimento, de manejo e espera, de trabalho e repouso.

Os modos de relação que as plantas engendram pressupõem não apenas a imersão corpórea num meio codividido, como a compreensão de que esse meio não se limita ao exterior de cada ser vivo: no sentido de interações involutivas e de criações compartilhadas, seu desenvolvimento e suas transformações específicas se retroalimentam das interferências que estabelecem na existência dos seres à sua volta. Os vegetais testemunham tal condição em seus modos de vida, plantando-se no chão e enterrando-se vivos em profundezas insondáveis ao mesmo tempo em que se arriscam no vento e procuram raios de sol em seus ramos aéreos. Em outras palavras, as plantas reúnem num meio de vida o subterrâneo e o atmosférico, o sombrio e o luminoso, o orgânico e o inorgânico. Se a ação do ser vivo sobre o meio não se traduz em nenhuma forma de “engenharia de ecossistema”, nos termos de Emanuele Coccia (2018, p. 47), o vegetal nos faz lembrar que a própria existência “não é outra coisa senão uma modelagem inédita da matéria anônima do mundo”.

Tal modelagem se vê associada, especialmente nos jardins, a enredos onde confundem-se o crescer dos ramos e os gestos das mãos, feitos íntimos e inapropriáveis² uns aos outros. Afeitas à visitação e ao toque, profusas em arranjos, as plantas insinuem à percepção direta jardins improváveis nos desvãos das cidades, onde fazem diluir, num meio comum, cisões entre reinos. Entre interpretações variadas, Gilles Clément reconhece, a partir de sua experiência como paisagista e professor e de sua relação com as plantas, que

[...] o jardim não é algo a ser ensinado, ele é o professor. Trago o que sei do tempo dedicado à prática e à observação do jardim. Acrescento as viagens, isto é, a possibilidade de comparação dos lugares que o homem habita e nos quais constrói-se uma relação com o mundo, uma cosmologia, um jardim (Clément, 2012).

Por outro lado, quando a cidade é vista de topo, abstraída de sua dimensão encarnada, ou embotada pela superfície do cotidiano, os olhos costumam encher-se de informação, mas falta saber o que sobra ao corpo. Passa ao largo desse olhar o lugar em que se nos apresentam as plantas, em pulsões refugiadas em frestas urbanas. A contrapelo das formas segundo as quais o vegetal é admitido e planejado, às margens da delimitação oficial de áreas verdes, o acontecer das plantas traz consigo a lembrança de que não estamos sós. Suas propostas, por sua vez, não se baseiam na satisfação de



qualquer vontade de controle ou na contemplação que se goza diante de uma obra pretensamente concluída, apostando, antes, em horizontes inacabados, a serem delineados em coautoria.

Trata-se, especialmente, de plantas ditas *ruderais*, cuja denominação compartilha da origem etimológica de palavras como *rude*, *rústico* e *rural*, também derivadas do termo latino *rus*. Ao que tudo indica, as plantas desconhecem as línguas humanas, mas as maneiras pelas quais reivindicam presença nas cidades parecem traduzir-se melhor aos modos de *pólis*, preferindo – e expandindo imensamente – a diversidade política implícita no termo grego à oposição dicotômica entre *rus* e *urbe* e ao pensamento hegemônico que dela decorre sobre o meio urbano. No sibilar de suas próprias línguas, indecifráveis em traduções literais, essas plantas ignoram as classificações estritas e militam, ao contrário, por mundos comuns.

Tensionando, de partida, toda oposição entre natureza e cultura, a vegetação ruderal que insiste em aparecer no meio urbano se caracteriza, em linhas gerais, por ciclos breves e desenvolvimento rápido. Sua flora compreende um rol extenso de espécies, frequentemente enfeitadas, cuja variedade de feições individuais e dos conjuntos que conformam entre si e com outros seres permite atestar, esteticamente, a inventividade contínua pela qual as plantas povoam a Terra. Sua temporalidade, embora fugidia, é suficiente para que sejam tecidos laços entre diferentes reinos, matérias e meios, em manifestações da solidariedade inerente a processos de cotornar-se. Nos limites das sucessões ecológicas, essas plantas, denominadas *ruderais*, são aquelas que transformam situações de terra arrasada em ambientes habitáveis, colocando em marcha o transcurso secular do qual as árvores mais longevas seriam tributárias.

Frequentes em clareiras, capoeiras ou no rebordo de florestas, onde suas periferias se espraiam à medida que a incidência do sol alcança diretamente a terra, essas plantas são, também, as primeiras a aparecer em espaços urbanos residuais e áreas desmatadas, a intrometer-se em pastagens ou rebrotar em terrenos baldios. Assumindo o papel de pioneiras em fronts esperançosos, as *ruderais* polemizam interações entre seres diversos, igualmente famintos de mundos. Sem medir riscos ou esforços, destinando sua vida curta às invenções do porvir, são plantas que surgem insistentemente em acostamentos de rodovias, fissuras no pavimento, faixas de servidão, refugos fundiários, entre outros resíduos da produção das cidades.



Os deslocamentos dessas plantas, invisíveis na atmosfera, desconhecem as fronteiras estabelecidas entre estados e nações e subvertem os limites dos biomas. Indiferentes a qualquer esforço de demarcá-las, viajam pela superfície do planeta envolvidas na ação de outros seres e fenômenos. O local exato de ocorrência permanece incógnito até que encontrem a oportunidade eventual de brotação. Seu local de origem, por sua vez, é igualmente impreciso, posto que as plantas flutuam pela atmosfera desde muito antes de as conhecermos. Mais do que sua condição original, manifestam a capacidade de originar a si mesmas e a ambiências vivíveis, em deslocamentos constantes. Mobilizando cosmopolíticas em jardins planetários (Clément, 2004), o ser vegetal atravessa igualmente as cidades e se infiltra no meio urbano sem convite ou aviso prévio. Terrenos incultos de diversos tamanhos e formas são suscetíveis a manifestações da interação contínua de seres distintos, na qual se veem implicados desde o sopro dos ventos ao escoar de cursos d'água (ainda que tubulados em meio às cidades), as condições do solo, a ação das chuvas, entre outros fenômenos mutuamente implicados na condição vegetal.

Entre espaços residuais e jardins em potência, a insistência dessas plantas e a imprevisibilidade de seus arranjos demandam, de partida, abordagens interessadas na percepção direta de seu feitio, a ser aferido em estudos de campo, isto é, na pesquisa que se realiza por meio do contato direto do corpo, a princípio desprovido da mediação de qualquer aparato técnico ou referência locacional. As imagens que vêm à tona nesse encontro remetem antes à materialidade originária a que o vegetal conforma e transforma do que à contemplação de formas pretensamente estanques. Os registros que realizamos, então, voltam-se à experiência de certos instantes vivenciados e ao reconhecimento dos modos pelos quais o mundo se faz um *mundo* (Merleau-Ponty, 2004) no que as plantas se fazem *plantas*. Se “uma grande árvore [...], cujo tronco cavernoso e coberto de musgo nos dá o sentimento do infinito do tempo” (Saint-Pierre apud Dardel, 1990, p. 45), caberia investigar em espaços urbanos residuais manifestações, embora efêmeras, dessa infinitude. A ocorrência de plantas ruderais e os meios de sobrevivência por elas inventados em meio às cidades contemporâneas correspondem a tramas de vida que ainda desconhecemos ou conhecemos mal: povoando e viajando de uma fresta à outra, elas recosturam um tecido fragmentário e descontínuo de terrenos baldios ou indesejados, reunindo outros reinos nos avessos das cidades.

A abertura de significados característica desses espaços, desprovidos de intencionalidades ou destinações objetivas, é diretamente proporcional à diversidade de expressões das plantas que os



habitam, em errância, segundo as vontades do tempo. Dissimulados no vaivém das atividades humanas, seus modos de existência irrompem nas entrelinhas das cidades e mobilizam a influência mútua entre seres distintos. Embora as interações entre o humano e o não humano sejam comumente desconcertadas no meio urbano contemporâneo, a ocorrência da vegetação ruderal nos convida a vivenciar e a participar de outros consórcios pelos quais a vida é tecida. Trata-se, especialmente, de uma identidade radical entre o ser/estar e o fazer, segundo a qual não se pode estar num espaço fluido sem que se modifique a realidade e as formas do ambiente envolvente. Se as plantas tecem relações em estado de imersão – a que corresponderia o lugar metafísico dessa identidade radical (Coccia, 2018, p. 41) –, o despontar eventual de ervas no rés do chão pode oferecer, em espaços residuais, condições propícias à percepção direta, à imaginação e ao fazer em comum por elas proposto.

Porque as plantas ditas ruderais não são apenas fazedoras de mundos, mas também manifestantes de sua inconclusão, apostamos nas linhas de frente da resistência e do frescor de um nascer contínuo. O vegetal não dispõe de ouvidos, olhos ou pernas como os nossos. Seus deslocamentos pela superfície da Terra e a influência que estabelecem mutuamente com o meio não se limitam à confirmação de formas prévias e não se pautam pela realização objetiva de qualquer plano. Os processos pelos quais ganham corpo e o devolvem ao meio, desde a fecundação das flores à dispersão dos frutos, relacionam-se, antes, à transitividade que proporcionam a existências distintas. As plantas nos ensinam que o mundo se faz em movimentos quase sublimatórios de mutação, nos quais a forma vira matéria e a matéria encontra formas, e que nele permanecemos mergulhados, também provando nascimentos, como se abríssemos os olhos pela primeira vez a cada instante.

* * *

Com o interesse dirigido à experiência direta de ambiências ou atmosferas (Böhme, 2010) configuradas aos modos das plantas ruderais que ocorrem em espaços urbanos residuais, pretendemos reconhecer e discutir certas táticas pelas quais o vegetal exprime valores alusivos ao vigor e à persistência do originar-se. As reflexões que se apresentam correspondem a um



desdobramento de estudos em curso sobre terrenos baldios situados nas bordas da cidade de Goiás (GO), baseados em pesquisa de campo, coletas botânicas e elaboração de imagens fotográficas e fotocolagens. Experimentando modos de realçar a visibilidade de manifestações da flora ruderal e de favorecer mudanças nos modos pelos quais costuma-se interpretá-la, a investigação visa contribuir não apenas ao revigoramento de um repertório botânico e de associações florísticas à disposição do fazer projetual em paisagismo, mas, fundamentalmente, compreender e expressar dinâmicas vegetais, pela percepção direta de seus aspectos, e verificar as possibilidades que oferecem a um fazer partilhado entre pessoas e plantas, em jardins emergentes.

Ao longo das rodovias que margeiam a cidade de Goiás, a ocupação urbana se dilata em loteamentos relativamente recentes. O núcleo de expansão colonial do qual se originaria a Vila Boa de Goiás, no começo do século XVIII, encontra-se implantado junto a um remanso do rio Vermelho, em benefício da mineração, da pesca, do cultivo de roças e quintais. Em vista das qualidades de seu conjunto arquitetônico e urbanístico, a cidade foi reconhecida pela Unesco, em 2001, como Patrimônio Cultural Mundial da Humanidade. Às margens do perímetro de tombamento do centro histórico, o tecido urbano se expande na encosta dos morros que antevêm a Serra Dourada, a poucos quilômetros, em terrenos pedregosos, beirando os acostamentos das rodovias GO-164, que cumpre o trajeto entre o extremo sul do estado e São Miguel do Araguaia, e da rodovia Cora Coralina (GO-070), que liga Goiânia à cidade de Aruanã, ambas riscando o chão rumo ao “rio das araras vermelhas”.

A vista que se tem ao viajar de automóvel faz borrar as nuances pelas quais áreas de roça, pastagens e campos cerrados passam a se intercalar com pequenos conjuntos de casas debruçados sobre a estrada. Embora limitada no trecho urbano, a velocidade da rodovia é incompatível com o ritmo e os modos pelos quais a vida ali se processa, à beira da pista. O reconhecimento sensível dos modos pelos quais esses acostamentos são habitados demanda a atenção do corpo, a respiração e o cansaço, a percepção e a fala a passos lentos.

As fotocolagens que acompanham este texto resultam de pesquisa de campo em desenvolvimento (2022) e correspondem a experimentos, deslocamentos e tentativas de aproximação aos modos pelos quais a vida se manifesta e se reinventa em faixas de terra espremidas entre uma rodovia e soleiras de casas, no cruzamento de intimidade e extroversão. As fotografias realizadas ao longo de caminhadas foram, posteriormente, recortadas e editadas digitalmente, em imagens motivadas



pelos modos de ser do vegetal. Desprovidas de destinação e delimitações claras, ora afeiçoadas pelo cuidado humano, ora deixadas à ação do vento e da chuva, ao gosto das plantas, as situações apresentadas se referem a intervalos entre casas e mundos, entre o cuidado e o acaso. Marginalizados nos processos de urbanização e nos imaginários urbanos hegemônicos, tais espaços oferecem acolhida, em contrapartida, à existência daquilo que oferece resistência a ser amansado ou contido e que pertence igualmente às margens, reinventando-se continuamente na influência de pessoas e plantas.

Ainda que não apresentem a inteireza ou a legibilidade de um rosto, as feições das plantas que ali ocorrem aludem aos sentidos da “face” – na persistência de uma indesignação (Lyotard, 1990, p. 189) –, cujos semblantes se formam aquém e além da atribuição de significados. Criando combinações transitórias entre si e com outros seres (figura 1), afeiçoam jardins em potência, a serem compreendidos não como um repositório de formas estáveis, mas como lugares de encontros, trocas e transformações mútuas. Para além de repartições biológicas e nomenclaturas binárias, essas plantas reinterpretam o mundo a cada broto intrometido, rearranjando a vida em disseminação ligeira. Suas folhas servem de alimento, inclusive a pessoas; seus sabores, formas, texturas e cheiros configuram atrações improváveis à vida no meio urbano, em convite à presença e ao fazer partilhado.

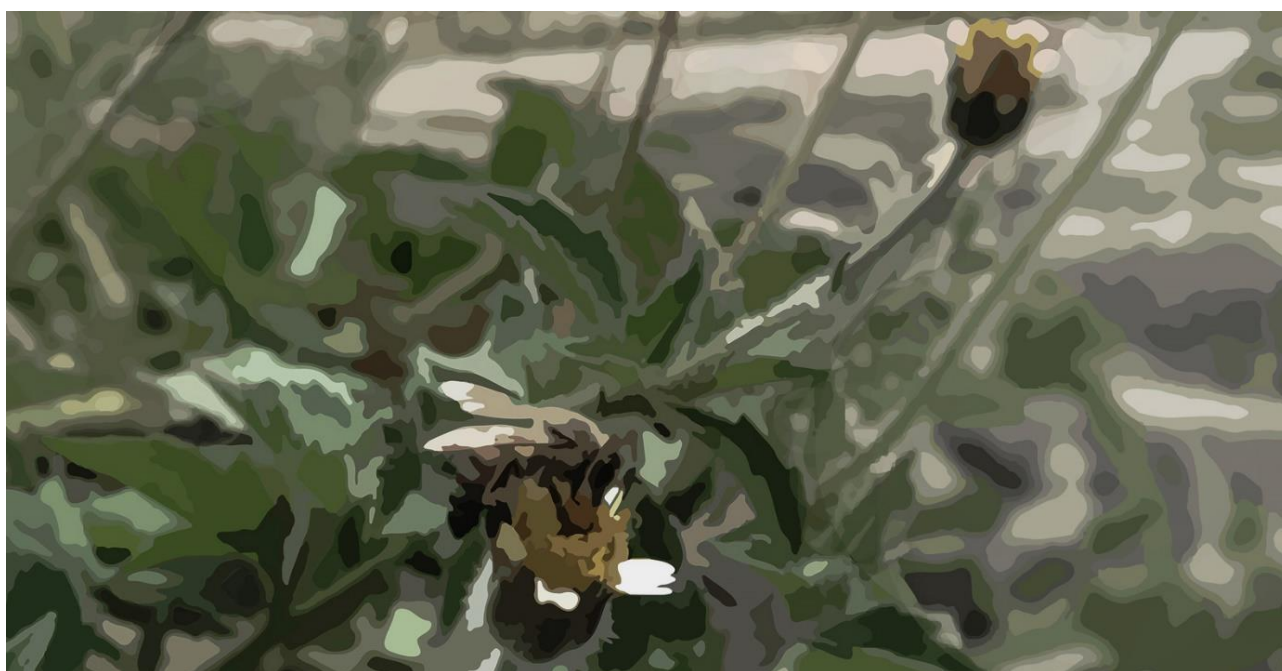


Figura 1: Abelhas e flores errantes sobre cimentado. Fotocolagem do autor. Cidade de Goiás, janeiro de 2022.



Em mesclas de ar, terra, água e luz, revirando a realidade a ponto de transformá-la em um lugar onde é possível viver, as plantas processam uma metafísica da mistura (Coccia, 2018), associada a saberes e imaginários alquímicos. Na poesia, convidam a imaginação que não se sacia em contemplar superfícies ou deleitar-se com *formas*, e que prefere demorar-se nos *elementos da matéria*, dos quais se originam e florescem imagens enraizadas no fundo do ser. Gaston Bachelard (2003, p. 249) nos faz lembrar, em seus estudos sobre a imaginação da matéria, que é na seiva sorvida pelo caule que a videira frutifica e faz vinho, a conta-gotas³, bebendo pelas raízes o suco da terra e transpirando o sol pelas folhas, ao criar em cada uva um rubi, quintescência de “metáforas solidárias das transmutações”. A mobilidade dessas metáforas, ramificadas na vida das plantas, permite infundir “um universo em ação na profundidade da menor substância [...], a influência das forças múltiplas e longínquas na mais lenta das experiências [...], capaz de ‘elementar’ bem todas as chamas dos seres vivos”.

É importante observar que Bachelard reconhece uma alquimia do vegetal, na literatura, como a alquimia de um “reino intermediário”, que cumpriria no imaginário o trânsito alquímico entre o mineral e o animal. Rainha desse reino, a videira concentra um arquétipo das imagens associadas à vida vegetativa ao oferecer “a revelação de um líquido criador”. Trabalhando, na matéria, “suas virtudes de transação”, o vegetal reúne o universal ao particular como “um corpo vivo onde se mantêm em equilíbrio os ‘espíritos’ mais diversos, os espíritos voláteis e os espíritos ponderados, conjugação de um céu e de um solo” (Ibid, p. 250). Na transitividade entre experiência e devaneio, Bachelard reconhece a videira, afinal, como um ímã: “ela atrai o *ouro do sol*, seduz o ouro astral para núpcias alquímicas[...]. Estamos aqui exatamente no cerne de uma *imagem material* que atrai todas as abelhas da metáfora” (Ibid, p. 253).

Seguindo o pensamento de Bachelard sobre a tetralogia da imaginação material, encontraremos a correspondência de devaneios aéreos na flutuação prodigiosa de galhos dispostos ao céu; da ambiguidade entre morte e vida pela qual o seio vegetante das plantas se fia ao seio das águas; do ardor que inflama o desejo das inflorescências e as devolve ao fogo do coração; dos devaneios mobilizados pela terra, ora despertando a vontade de trabalho e manuseio frente a resistência viscosa do húmus, ora em convite ao repouso e à introversão de um *psiquismo involutivo*, no que as raízes aprofundam o refúgio subterrâneo de um mundo que procura enrolar-se em si mesmo. É



justamente no interior da matéria sonhada, isto é, na imaginação voltada à intimidade profunda da condição material a que dão forma, que as imagens associadas à vida das plantas se desdobram em ramos infindáveis, pelos quais a realidade se apresenta enredada segundo a dinâmica de atração e entrelaçamento de trepadeiras, macegas, florestas.

Pode-se reconhecer os efeitos do dinamismo vegetante em espaços intermediários ou propriamente residuais. Não há calçadas, tampouco prevê-se a circulação de pedestres ao longo da rodovia GO-164. Entretanto, janelas e portas espiam o fluxo acelerado de veículos no bairro de Vila União, insinuando a alteridade do mundo à intimidade das casas. Entre umbrais e peitoris e o asfalto da pista, uma faixa exígua de terra se expõem, sobretudo na época das chuvas, à brotação de perpétuas-bravas (*Galinsoga parviflora*) e cordas-de-viola (*Ipomoea acuminata*), que aparecem, de repente, enroscadas ao montante de um quadro de energia. Um alambrado separa o espaço de um quintal da faixa exposta de terra (figura 2). Zínias (*Zinnia angustifolia*) e abóboras (*Cucurbita maxima*), notadamente cultivadas pelas pessoas no quintal da casa, também se beneficiam das estações chuvosas. O arranjo formado por cada uma delas faz transbordar mutuamente os limites de fora e dentro, valendo-se de uma cerca feita inoperante ao toque dos ramos que espicham. Há brotos recentes de zínias e abóboras do lado de fora, o que permite atestar sua mobilidade e sua disposição a fugir de jardins e hortas e abrir, prontamente, novas frentes em terrenos incultos. Em contrapartida, perpétuas-bravas ensaiam jardins com cordas-de-viola, abóboras e outras plantas recém-brotadas do lado de dentro.





Figura 2: Invenções vegetais sobre alambrado. Fotocolagem do autor. Cidade de Goiás, janeiro de 2022.

A caminhada atravessa ambiências formadas em terrenos e condições diversas, ora desprovidos de cerca e cultivo, francamente abertos ao fluxo de sementes e esporos que viajam ao sabor dos ventos; ora pequenas hortas dividem espaço com massas de flores errantes, trevos e muitas outras leguminosas eventualmente germinadas, formando consórcios entre invenções vegetais e o cultivo, no dia-a-dia, pelo olhar e pelas mãos das pessoas que ali habitam. Algumas dessas plantas têm ciclos breves ou se deslocam para outras áreas na época de estiagem. Outras plantas vencem, empalidecidas, o período de secas, como se atesta na presença insistente de ervas-de-Santa-Luzia (*Euphorbia hirta*) em qualquer fresta do pavimento, debruçando-se nas rodovias e povoando quintais.

Suas inflorescências seduzem insetos e seus caules alimentam pequenos vermes, que atraem pássaros, roedores e outros animais. Embora reconhecida comumente como uma erva-daninha a ser combatida, essa planta resiste a solos pobres e os nutre frente a estiagens e condições ambientais adversas. Em comum acordo com outras ervas, deitam ramos cravejados de pequenas coroas avermelhadas e derivados em folhas opostas em pares, de limbo verde, com manchas violáceas. Em pequenos traços debruçados sobre calçadas ou em conjuntos com braquiárias (*Brachiaria sp.*) e capins-carrapicho (*Cenchrus echinatus*) em terrenos baldios (figura 3), instigam a vida e a influência de outros seres, incluindo pessoas, que se beneficiam dos efeitos curativos dessa planta, cuja denominação comum alude à santa protetora dos olhos.



Figura 3: Erva-de-Santa-Luzia. Fotocolagem do autor. Cidade de Goiás, janeiro de 2022.

* * *

Se tornar concreto o interior e vasto o exterior corresponde aos desafios iniciais de uma antropologia da imaginação (Bachelard, 2008, p. 219), os modos de ser do vegetal e as interações que propõe com outros seres parecem reivindicar, especialmente, uma antropologia do inumano. A potência de plantas que irrompem em espaços residuais ou terrenos incultos não se dá ao reconhecimento, em seus traços originários, senão pela percepção direta, no toque do corpo e nos trânsitos da imaginação. Em ramos pendentes, a vida encontra sua componente flutuante, lançada ao céu em fugidia existência; pelas raízes, enterram-se, ao mesmo tempo, no ser das profundidades. No sonhador que se faz uma planta ao contemplá-la, a vida vegetante cumpre a influência dinâmica entre todas as camadas do ser e vêm à tona em metáforas, na transitividade de imagens poéticas. A vida das plantas em interstícios urbanos não se restringe ao interesse dos conhecimentos estritamente botânicos, segundo os quais as interações vegetais podem ser interpretadas em termos de cooperações mútuas, afinidades eletivas ou relações de comensalismo. As relações que estabelecem com o fazer humano em fundos de quintais ou espaços indesejados, por sua vez, eventualmente excedem a dimensão objetiva do controle, imposição de forças ou apagamento. Na



tessitura de vozes dissonantes, tais situações configuram obras abertas a reinterpretações múltiplas. No cruzamento de entradas diversas, as qualidades latentes dessas ambiências parecem refratárias a conceitos estanques. A experiência direta da vegetação ruderal, por outro lado, permite reconhecer jardins emergentes em terrenos incultos, onde é possível apreender e imaginar a influência mútua entre vida e mundo.

Se, na produção das cidades contemporâneas, os esforços de planejamento, a dedicação de projetistas e os interesses do mercado permanecem dirigidos, via de regra, às poucas áreas reservadas ao verde no meio urbano, caberia assumir, a contrapelo, a influência das plantas em situações triviais, onde se infiltram com o vigor e a obstinação que caracterizam suas expressões. Misturando e conferindo formas ao transformar constantemente a realidade, o vegetal renova modos de ser, estar e fazer. No que a flora ruderal vem à tona nos termos que lhe são próprios em espaços urbanos residuais, proporcionam-se outros modos de interpretação das relações entre plantas e pessoas.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. **O uso dos corpos**. São Paulo: Boitempo, 2017.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BESSE, Jean-Marc. **La nécessité du paysage**. Marselha: Parenthèses, 2018.

BÖHME, Gernot. **Atmosfera, estasi, messe in scena**. L'estetica come teoria generale dela percezione. Milano: Christian Marinotti Edizioni, 2010.

Caetano Veloso. Luz do Sol. **Caetanear**. Rio de Janeiro: Polygram do Brasil, 1985.

CLÉMENT, Gilles. **Jardins, paysage et génie naturel**: Leçon inaugurale prononcée le jeudi 1er décembre 2011. [online]. Paris: Collège de France, 2012 (acessado em 16 de outubro de 2021): <http://books.openedition.org/cdf/510>

CLÉMENT, Gilles. **La sagesse du jardinier**. Paris: JC Béhar, 2004.

CLÉMENT, Gilles. **Le jardin en mouvement**. Paris: Sens&Tonka, 2017.



COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas** - uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018a.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la terre**. Nature de la réalité géographique. Paris: Éditions du CTHS, 1990.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano**: considerações sobre o tempo. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MYERS, Natasha. From the Anthropocene to the Planthropocene: designing gardens for plant/people involution. **History and Anthropology**, v. 28, n. 3, pp. 297-301, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02757206.2017.1289934?scroll=top&needAccess=true> Acesso em: setembro de 2022.

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 15/10/2022

[1] Doutor em Arquitetura e Urbanismo. Docente na Universidade Federal de Goiás. E-mail: arthur.cabral@ufg.br.

[2] Para Giorgio Agamben, o ser em estado de paisagem é tornado inoperante, ao mesmo tempo em que a possibilidade de individuação objetiva de outros seres se dilui entre seus limiares: “vemo-los, perfeita e limpidamente, como nunca antes; contudo, já não os vemos mais, perdidos – feliz e imemoravelmente perdidos – na paisagem” (AGAMBEN, 2017, p. 115).

[3] “Para um sonhador da matéria, uma uva bem composta já não é um belo sonho da videira, não foi formada pelas forças oníricas do vegetal?” (Bachelard, 2003, p. 249-250).